

## **O copo, o trono e a fé na marca do pênalti!**

**Tom Valença\***

Resumo - este artigo traça uma análise das relações entre esportistas, prioritariamente os futebolistas, e o uso de doping e de drogas recreativas lícitas e ilícitas na contemporaneidade.

“Dizem que Adriano bebe, mas o que importa é que Adriano entra em campo e faz gol”. Com estas palavras, um dos examinadores da minha banca de sustentação de doutorado se referiu metaforicamente aos usuários de substâncias psicoativas que já não devem *a priori*, ser representados como improdutivos, marginais, excluídos, principalmente quando seus usos recreativos não são incompatíveis com suas atividades laborais. Mas indo além da metáfora, será que o próprio “Adriano o Imperador”, Ronaldinho Gaúcho, “Ronaldo o Fenômeno”<sup>1</sup>, assim como outros jogadores e atletas não possuem direito a uma dose ou outra em seu tempo de lazer sem serem representados midiaticamente como problemáticos desviantes? Para estes desportistas quais são os limites socialmente construídos entre o uso e o abuso de álcool na configuração de suas carreiras e imagens?

E mais, esta problemática não diz respeito apenas aos usuários de substâncias psicoativas lícitas como o álcool. Em outubro de 2009, a Fifpro (Sindicato Mundial de Jogadores Profissionais de Futebol) se manifestou de forma contrária à diretriz da Wada (Agência Mundial Antidoping) que considera maconha doping. Essa manifestação está relacionada ao caso que envolve o jogador uzbeque Anzur Ismailov, suspenso por uso de maconha em junho do mesmo ano. De acordo com o comunicado publicado no site da entidade, a FifPro argumenta que a maconha não deveria estar inclusa na lista elaborada pela Wada já que "estudos científicos demonstraram que o uso de *cannabis* é prejudicial para quase todos os rendimentos atléticos".

Para contradizer esta reflexão da FifPro, seria significativo que houvesse pesquisas indicando *se e como* o uso de maconha melhora o rendimento atlético. Até agora não sei de nenhum estudo que o tenha feito. É importante salientar que alguns componentes químicos da maconha não são eliminados do corpo do usuário num tempo menor do que

---

<sup>1</sup>\* - Tom Valença é Professor Doutor (UNIJORGE e CETAD/UFBA) e antropólogo (CAPS AD Gey Espinheira).

- “Ronaldo o Fenômeno” após abandonar a carreira de jogador afirmou que para fugir ao patrulhamento de seu comportamento extra campo costumava tomar bebidas alcoólicas em latas de refrigerantes.

duas semanas após o uso, o que não quer dizer que o usuário esteja sob o efeito da substância durante todo este período. Assim, o exame não provou que Ismailov fumou maconha para entrar em campo<sup>2</sup>, mas sim que num período de mais ou menos quinze dias antes do jogo e do exame, ele usou a substância. O que fica patente nesta situação é a indiferenciação na análise entre aspectos da vida privada e da vida profissional de Ismailov ao condená-lo por buscar vantagem profissional quando na prática estava exercendo atividades recreativas em seu tempo livre. Enquanto no âmbito internacional a norma da Wada começa a ser questionada por uma entidade competente como a FifPro, no Brasil, entre o uso de substâncias lícitas como o álcool e ilícitas como a maconha, muita bola vem rolando mesmo antes de Nelson Rodrigues ter percebido o país como uma *Pátria em chuteiras*, configurando uma nação cuja identidade está claramente interfaceada com a cultura futebolística.

Se comecei falando de Adriano, que não pareça que este artigo está querendo “alisar o ego” da torcida do Flamengo<sup>3</sup>, grande galera com cerca de 32,2 milhões de pessoas (17% do total de torcedores brasileiros) ou da galera do Corinthians<sup>4</sup> com 25,8 milhões de torcedores (13,4%) que representam o quão popular é a cultura do futebol. Pelo contrário, a intenção aqui é provocar reflexões sobre aspectos nem tão populares acerca do mais popular dos esportes. Desse modo, vou focar a observação no Botafogo, time com popularidade muito inferior a das equipes acima citadas com aproximadamente 3,1 milhões de torcedores (1,6% do total). O Botafogo possui uma história *outsider* marcada por boêmios craques da bola que enchiam os olhos da torcida com jogadas geniais, mas que possuíam habilidade controversa na administração de seus estilos de vida: Heleno de Freitas nos anos 1950 foi considerado um dos jogadores mais elegantes e criativos do período com performances memoráveis, porém fora de campo ficou conhecido por seus excessos; teve várias amantes de renome, não escondia que cheirava lança-perfume, éter e bebia o quanto queria, além de ter batido e apanhado em muitas brigas. No Botafogo houve também Mané Garrincha, o “anjo das pernas tortas” que também era mulherengo, gostava muito de cachaça<sup>5</sup>, e que nos jogos costumava

---

<sup>2</sup> - O que seria muito difícil de acontecer sem chamar a atenção de outros, pois, nas horas que antecedem um jogo, os jogadores estão acompanhados pelo restante da equipe, o que inclui técnico, médico e dirigentes.

<sup>3</sup> - Time no qual Adriano jogava na primeira versão desse artigo.

<sup>4</sup> - Time do qual ele faz parte na versão final desse artigo.

<sup>5</sup> - E esse gosto parece que veio “de berço”. Ruy Castro que escreveu a biografia do jogador (*Estrela solitária; um brasileiro chamado Garrincha, 1995*) conta que, descendente dos Índios Fulni-ô, Garrincha desde pequeno foi levado a seguir certa tradição comum entre seus familiares, bebendo na mamadeira um preparo chamado *cachimbo*: cachaça, canela em pau e mel.

infernizar a vida dos adversários com sua ginga – dá até pra ficar na dúvida se ele parecia que cambaleava em campo ou fazia os zagueiros adversários cambalearem.

Incontroláveis dentro e fora de campo, Heleno de Freitas e Garrincha tiveram fins trágicos. Apesar de possuir diploma de Bacharel em Ciências Políticas e Sociais, Heleno nos desdobramentos de seu estilo de vida boêmio e desregrado acabou infectado pela sífilis. Já debilitado, sofreu mudanças de personalidade que o fizeram ser considerado louco, morrendo num sanatório onde passou os últimos seis anos de vida. Garrincha, que antes dos 30 anos já era pai de 10 filhos com três mulheres, teve um momento de ascensão fulminante na carreira quando foi considerado o principal responsável pelo bicampeonato mundial conquistado pela seleção brasileira em 1962. Nessa época, o hábito e a fama de beber em excesso estiveram juntos, porém, no final dos anos 60 quando a carreira começou a cair no ostracismo o consumo etílico se tornou seu “esporte” principal. Anos depois sem dinheiro, sem saúde e com poucos amigos, Garrincha acabou morrendo de cirrose.

Já Paulo César Caju começou sua carreira no Botafogo em 1967 e sendo um jogador talentoso chegou a seleção brasileira com relativo sucesso, mas, politicamente polêmico – admirador de Malcom X e identificado com o Movimento Negro, afirmou que Pelé foi um alienado e acomodado em relação às questões raciais – foi considerado um rebelde no ortodoxo mundo do futebol. Em relação ao que acontecia dentro de campo, ele acusou alguns jogadores do Grêmio onde encerrou a carreira, de jogarem dopados a decisão do mundial de clubes de 1983. Não obstante ser contra o doping esportivo, fora de campo Caju não se privou de curtir os prazeres que o sucesso facilitou, se tornando muito mais interessado em circular na noite movido a álcool e cocaína - hábito que desenvolveu quando jogou na França em 1974/75 -, do que nas politicagens que haviam tomado conta da cultura futebolística. Hoje, depois de enfrentar alguns problemas de saúde, aos 61 anos e de “cara limpa”, Caju é colunista de jornal. Outro botafoguense nessa lista de *outsiders* é Josimar que fez muito sucesso na Copa do Mundo de 1986 e depois quando sua carreira entrou em declínio - dizem que ele gastou todo seu dinheiro nas baladas com cocaína, sempre acompanhado por louras fatais -, só voltou a virar manchete em 1993 por ter sido acusado de tráfico. Após pendurar as chuteiras, Josimar veio a se tornar evangélico.

Embora a associação da imagem de jogadores usuários de substâncias psicoativas não favoreça a imagem pública de nenhuma associação desportiva, o Botafogo não se intimidou com os preconceitos dominantes e em 2007 contratou o zagueiro Renato

Silva que havia sido dispensado do Fluminense por ser flagrado no antidoping por uso de maconha. Se no meio futebolístico causou algum estranhamento a rápida dispensa do jogador por doping, se deve levar em conta que o patrocinador do Fluminense era o plano de saúde UNIMED que não tolerou ver seu nome associado a um caso dessa natureza. A contratação do zagueiro por parte do Botafogo se deu no período da punição que durou 60 dias e Renato foi um dos destaques do time naquela temporada. Em 2009 houve o caso da promessa de craque Jobson que nas últimas rodadas do campeonato brasileiro ajudou a salvar o Botafogo da queda para a segunda divisão. Jobson foi flagrado no antidoping após dois jogos decisivos por uso de cocaína – segundo o jogador, seu uso foi especificamente de crack e estava acontecendo já há um ano em momentos recreativos, não para entrar em campo. Inicialmente suspenso por dois anos, Jobson teve a pena reduzida para seis meses e depois do Cruzeiro desistir de contratá-lo à época da divulgação do resultado do exame, ele recebeu uma proposta para voltar a vestir a camisa do Botafogo que o recebeu de portas abertas, se dispondo a ajudá-lo inclusive com acompanhamento terapêutico. Enquanto um time patrocinado por um plano de saúde do porte da UNIMED dispensou um jogador que teve seu envolvimento com maconha amplamente midiaticado, outro time que era patrocinado por uma marca de medicamentos genéricos – a Neo Química – ofereceu um voto de confiança para um jogador que teve problemas com seu uso de crack tornado manchete. No primeiro caso o jogador foi excluído do time como desviante, no segundo caso, o jogador, foi reincorporado a equipe como ser humano<sup>6</sup>.

Com envolvimento de patrocinadores ou não, em todos estes casos fica difícil afirmar que as substâncias psicoativas consumidas por tais jogadores melhoraram suas performances futebolísticas, pelo contrário, tais substâncias podem até atrapalhar quem precisa de rapidez de raciocínio espacial, noção prática de geometria aplicada e controle motor apurado. Os consumos de substâncias psicoativas por parte desses jogadores foram aspectos de seus estilos de vida configurados na esfera privada e assim sendo, em

---

<sup>6</sup> - Depois de alguns problemas de comportamento não necessariamente ligado ao abuso de drogas, Jobson foi emprestado pelo Botafogo ao Atlético Mineiro onde não se adaptou, posteriormente sendo emprestado ao Esporte Clube Bahia. Sob a desconfiança inicial de ainda ser um usuário de drogas (ele foi obrigado a passar por exames semanais para provar que estava limpo), a torcida do “esquadrão de aço” baiano ao presenciar seus gols passou a tratá-lo como ídolo no campeonato brasileiro de 2011. Entretanto, em consequência de seguidas indisciplinas, (indisciplinas não relacionadas com o consumo de substâncias psicoativas ilícitas), Jobson acabou por ser afastado do Bahia. Nesse ínterim, em função de um recurso da Agência Mundial Antidoping contra o STJD relativo à redução da sua pena, o jogador voltou a ser julgado em 21/06/11 pelo Tribunal Arbitral do Esporte na Suíça e foi condenado a mais um semestre fora dos gramados. Vale ressaltar que sua defesa usou o argumento de que ele não praticou doping, sendo por hábito um dependente químico e não alguém que buscou vantagem desportiva.

contextos e com motivações diferenciadas das que demandam performances futebolísticas com alto grau de excelência. Contudo, ao serem tornados públicos, tais consumos “emprestaram” um estigma às suas carreiras que nunca foi removido.

No senso comum, estes atletas são representados como um exemplo negativo para os jovens, para o espírito esportivo que “devem incorporar”. Sendo assim, então a discussão se dá não no campo da saúde ou da performance atlética e da competitividade esportiva e sim no campo da moral que respalda os costumes. Nesse sentido, é possível que o modelo ideal de jogador seja Kaká, evangélico e abstinente por definição. Aliás, na Copa das Confederações na África do Sul em 2009, foi possível ver na comemoração da seleção brasileira após vencer a competição, muitos jogadores com suas camisas evangélicas orando no círculo central, comandados por Kaká e pelo capitão Lúcio<sup>7</sup>. Entretanto, a fé que une alguns brasileiros não é unanimidade global. A FIFA como entidade reguladora do futebol mundial e notoriamente laica, mandou um comunicado a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), apontando que seria prudente evitar usar o palco do futebol para manifestações religiosas. De fato, as regras da Fifa proíbem mensagens explicitamente políticas ou religiosas em campo e prevê punições em casos de descumprimento, o que deixa espaço apenas para manifestações de ordem comercial, como a visualização das marcas dos patrocinadores nos uniformes dos jogadores.

De qualquer forma como ninguém foi punido, a imagem religiosa<sup>8</sup> que favorece comportamentos abstêmios vem sendo mais explorada para resgatar a aura mística da seleção brasileira, em detrimento da imagem boêmia que nos anos 50/60 foi sucesso, mas que em 2006 foi eleita como a culpada pelo fracasso na Copa da Alemanha. Nessa perspectiva, em 2010 quando tentando se contrapor a disciplina permissiva do então técnico da Argentina, Maradona, que não via sentido em proibir o acesso dos jogadores em seu tempo de folga a sexo, vinho, churrasco e doces, o técnico Dunga afirmou que nem todo mundo gosta de sexo, de vinho ou de sorvete: A declaração do argentino não

---

<sup>7</sup> - Talvez não tenha sido por coincidência que o técnico Dunga promoveu Lúcio a capitão da equipe. O zagueiro afirma que na concentração e nos treinamentos seu papel de líder é mais importante do que durante os jogos, embora negue – parcialmente - que sua opção religiosa interfira na missão: “As conversas na concentração não são voltadas *em tudo* para a religião” (FSP:26/04/10).

<sup>8</sup> - Em relação a esta imagem e suas dimensões, o time do Santos está sendo considerado o único no Brasil na corrente década a promover um futebol alegre tendo como estrelas, Neymar e Paulo Henrique Ganso. Contudo, se estes jovens craques geram alegrias para os amantes do futebol-arte, também geraram mal-estar quando supostamente por serem evangélicos se negaram a descer do ônibus da equipe e participar de uma festa na Páscoa de 2010 para crianças com paralisia cerebral, por esta acontecer numa Instituição Espírita. Nesse recorte social com viés religioso não passa despercebido que - diferentemente de Kaká - vivendo uma carreira de pop star entre carrões e baladas Neymar em meados de 2011 disponibiliza um dízimo mensal entre 12 e 13.000 reais para a *Igreja Batista Peniel*.

causou maiores estranhamentos em face ao seu currículo, mas a do brasileiro<sup>9</sup> alimentou as primeiras páginas com manchetes que ironizaram sua tolerância zero quanto aos prazeres<sup>10</sup>: “*Sem balada na folga, seleção se divide entre golfe e shopping*”, (UOL:29/05/10),



“*De sorvete eles gostam: seleção tem dia de folga*” (Globo:29/05/10).

Sem haver evidências de que essas medidas disciplinares espartanas sejam benéficas para a performance dos jogadores, há entre estes os que por força do hábito religioso não contestam a restrição de prazeres como também há os que acreditam que o futebol não é antônimo de alegria e divertimento.

Assim, se às vésperas da Copa de 2010, o veterano Lúcio afirmou que na seleção de 2006 não houve um racha ou tensão entre os evangélicos e os outros jogadores, não há como negar que Ronaldo, Ronaldinho, Roberto Carlos e Adriano, foram postos na berlinda como disfuncionais por terem curtido infinitas baladas no período da competição, o que supostamente teria levado a um rendimento pífio dentro de campo. Kaká que sempre foi um bom menino – ele casou virgem aos 25 anos - foi uma exceção entre os estigmatizados daquele time. O único “escândalo” no qual ele pode ser considerado envolvido é ter sido garoto-propaganda da *Igreja Renascer*<sup>11</sup>, igreja cujos líderes foram presos nos EUA em 2007 por evasão fiscal ao entrarem no país com um montante de dinheiro não declarado. Kaká, mesmo com seu rendimento técnico em baixa se comparado com o ano de 2007 quando foi considerado o melhor jogador do mundo<sup>12</sup>, continuou sendo prestigiado como um atleta de comportamento exemplar e

<sup>9</sup> - E se Dunga não criticou o churrasco citado por Maradona, se deve considerar que Dunga é gaúcho!

<sup>10</sup> - De acordo com o jogador Branco, companheiro de Dunga na seleção que foi à Copa do Mundo em 1994, este último frequentava as rodas de bebida comandadas por Romário, (Extra on line, 30/05/10). E é bom lembrar que aquela seleção foi campeã.

<sup>11</sup> - Igreja com a qual rompeu no fim de 2010.

<sup>12</sup> - O troféu recebido por Kaká - que pretende um dia ser pastor - como melhor jogador do mundo foi entregue em agradecimento a Deus, a Igreja Renascer em Cristo em São Paulo, para exibição pública.

assim seguiu às vésperas da Copa de 2010 sendo mantido temporariamente no trono que muitos acreditam que pertence ao eterno “Rei” Pelé.



E por falar em rei, os mais antigos tendem a considerar Pelé e Garrincha o Rei e o Príncipe do futebol, mesmo com carreiras tão díspares. Se Pelé foi visto como um jogador que jogava para vencer, Garrincha foi imortalizado como um boêmio que jogava para se divertir; o primeiro voltado para o grupo com seus objetivos duradouros e o segundo voltado para si com seus objetivos fugazes (ou numa hipótese menos auto-centrada, voltado para a torcida). Por demais simplistas, estas interpretações não estão relacionadas apenas ao que eles faziam dentro de campo. Pelé não sustentava uma imagem associada ao uso de bebida alcoólica<sup>13</sup> como Garrincha, pelo contrário, foi considerado o “atleta do século” e essa imagem foi boa para estrelar campanhas comerciais para vários produtos, inclusive para medicamentos contra impotência<sup>14</sup>. Contudo, talvez poucos se lembrem da impotência de Pelé quando seu filho, também jogador, foi acusado de traficar drogas chegando a ser detido por meses em 2005. Alguém se lembra da reação de Pelé a essa situação? É mais fácil lembrar dele

<sup>13</sup> - Em 1958 após a conquista brasileira da Copa do Mundo na Suécia, um fabricante lançou a *Cachaça Pelé* sem a autorização do atleta. Logo em seguida, por ordem judicial apoiada no fato de Pelé não desejar veicular sua imagem junto a bebidas alcoólicas, a cachaça foi recolhida das prateleiras.

<sup>14</sup> - O laboratório Pfizer marcou um gol de placa ao contratar o craque por cerca de US \$ 2 milhões como garoto-propaganda, pois a partir de então suas vendas do *Viagra* ganharam uma ereção quase sem fim. Para celebrar ainda mais a vitória da Pfizer, nem todos os medicamentos concorrentes do *Viagra* passaram no antidoping. LaShawn Merritt, campeão olímpico nos 400 metros em 2008 e do mundo em 2009, foi suspenso após três exames antidoping em 2010 devendo cumprir uma pena de banimento das pistas de atletismo por dois anos. O resultado deu positivo para a substância dehydroepiandrosterona (DHEA) encontrada no medicamento *Extenze*, grande sucesso no mercado estadunidense que é indicado para prolongamento de ereções e alongamento peniano. Vale ressaltar que Merritt afirma ter usado o medicamento longe do período de treinos e competições.

criticando Maradona anos antes, pois em seu ponto de vista era inadmissível que um jogador de futebol da grandeza do craque argentino tivesse se tornado usuário de cocaína. Para Pelé, Edinho seu filho, um goleiro mediano, foi vítima de más companhias<sup>15</sup>.

Se as reflexões sociológicas feitas por Pelé não acrescentam muito ao óbvio, no quesito das relações amorosas uma comparação entre Pelé e Garrincha é sociologicamente inevitável; a que põe de um lado o casal Pelé e Xuxa, e do outro Garrincha e Elza Soares. O Rei Pelé e a Rainha Xuxa nos anos 1980 espelharam a “pureza” da miscigenação nacional, vivendo um rápido conto de fadas que muito contribuiu para a carreira de ambos e para a internacionalização da imagem sorridente da democracia racial brasileira. Como exemplo incontestável desta imagem, há disponível na internet um vídeo promocional da Francisco Xavier Imóveis, no qual Pelé recebe como presente de Natal uma imensa caixa de onde sai Xuxa. Com seu presente “sentado no colo”, Pelé deseja que todos os brasileiros recebam o presente que desejam. Final feliz... Já Garrincha e Elza nunca estrelaram uma campanha publicitária, pelo contrário, foram chamados nas manchetes de jornais dos anos 1960 de “dois contra a cidade”, pois Elza não foi perdoada por ser mais uma “outra” na vida de Garrincha, que quando a conheceu era casado. Após sofrerem ameaças de morte<sup>16</sup> e posteriormente terem a casa metralhada, os dois partiram para um breve exílio na Itália no começo dos anos 70. Eis uma relação tragicamente configurada pelo contexto.

O casal Garrincha e Elza acabou sendo a representação viva da malandragem desenhada em torno do samba, do futebol e da cachaça, a mistura ilegítima de um nordestino descendente de índios e mulatos com uma negra do morro carioca,

<sup>15</sup> - Com a mesma visão simplista sobre o fenômeno das drogas, em entrevista à Marília Gabriela no Programa *Cara a cara*, Pelé afirmou que não gostava dos Beatles porque estes haviam difundido o consumo de drogas pelo mundo, no que foi refutado pela apresentadora, que disse ser essa uma imagem injusta para com a banda inglesa que contribuiu com aspectos importantes para a cultura jovem como a valorização da paz e do amor. À época desta entrevista, Pelé, o “atleta do século”, era garoto-propaganda do complexo vitamínico *Vitasay*. Já em 1961, antes dos Beatles começarem a influenciar a juventude, Pelé estreou na publicidade num anúncio do fortificante *Biotônico Fontoura* (cuja fórmula original na década de 1920 continha 19,5% de álcool etílico chegando em 2001 com 9,5% quando a ANVISA proibiu que medicamentos pediátricos contivessem mais de 0,5% de álcool em sua composição), cujo slogan era: “A receita do campeão”. Em 1970 ele lançou no mercado o *Café Pelé* que hoje é vendido também na Rússia e na China. Se por um lado o “Rei” não quis associar seu nome a uma cachaça, por outro o associou ao consumo de álcool (vendido como remédio pediátrico) e de cafeína que também são drogas. Será que os Beatles realmente difundiram mais o consumo de drogas do que o Rei do futebol?

<sup>16</sup> - Em 20 de junho de 1964 a casa onde Garrincha e Elza moravam sofreu uma violenta blitz militar e o Mainá que Garrincha ganhou de presente de C. Lacerda foi estrangulado por um carabineiro. Antes de sair, um outro carabineiro ainda fez ecoar na sala a seguinte fala: “Se abrir o bico vai ficar que nem esse passarinho!” (Vieira: <http://blogdojuca.uol.com.br/20/06/11>).

resultando em impureza sem sofisticação para gringo ver: as pernas tortas dele e a voz rouca e sensual dela eram exóticas atrações de terceiro mundo, mas atrações que aos olhos dos brasileiros deviam ficar confinadas nos campos de futebol, palcos de segunda categoria e nos botecos da vida, não nas festas da alta sociedade nem em programas de TV. Se a identidade cultural brasileira exportada entre os anos 1950 e 1970 foi recheada de futebol, samba e cachaça, é possível especular que Garrincha e Elza tenham formado o casal que representou o Brasil que desceu do morro para o asfalto com jogo de cintura para driblar as adversidades. Enquanto este casal hoje é cultuado por românticos e boêmios amantes do futebol, o casal pop Pelé e Xuxa, apesar da popularidade atingida enquanto esteve sob os holofotes nos anos 1980, não durou muito na memória coletiva, sendo hoje citado vez por outra em análises sociológicas lidas por um público restrito.

Se o trono do Rei Pelé de tempos em tempos é balançado pela atuação política de cidadão Pelé fora de campo, Kaká que por sua vez já alugou sua imagem ao Gatorade e a Pepsi, não critica a vida de ninguém, não aparece no circuito das celebridades e é quase unanimidade entre analistas de futebol tendo a seu favor a capacidade de ser disciplinado longe de campo, mesmo sendo um jovem milionário, que como muitos de seus companheiros, poderia estar aproveitando o lado faustoso da vida – e aqui está o ponto nevrálgico da questão. Movido por sua fé, Kaká está sentado no trono que poucos usufruíram, vivendo acima das tentações mundanas como sexo, álcool e outras drogas, e por isso recebendo respeito e confiança dos mais ortodoxos, servindo de exemplo para um específico modelo de juventude.

Entretanto, no mundo do futebol nem sempre a bola é redonda assim como nem todos os jogadores terão um trono para sentar no auge da carreira. Esses inclusive nem sempre possuem controle sobre as substâncias que consomem. Se hoje é mais do que politicamente incorreto usar drogas para melhorar performances, é preciso lembrar que na década de 1970 era mais do que comum que os jogadores recebessem por via injetável, complexos vitamínicos assim como infiltrações de anestésicos e antiinflamatórios para aplacar as dores conquistadas dentro de campo. O grande problema é que os cuidados com a higiene eram mínimos, como relata o ex-jogador do Bahia e atual professor de Educação Física e funcionário da Coordenadoria de Esporte da Prefeitura de Salvador Edmilson Machado: “Eram duas ou três agulhas para 30, 40 jogadores. Ferviam e iam aplicando” (A Tarde: 20/03/10). O resultado é que muitos jogadores se tornaram portadores do vírus da Hepatite C – só no Ambulatório da UFBA, em 2010 havia 55 atletas em tratamento. A estimativa da Sociedade Brasileira de

Hepatologia, é que grande parte dos jogadores brasileiros dos anos 70 esteja contaminada e nem sequer saiba disto. Em face desse exemplo, se os médicos dos clubes podiam administrar substâncias das quais os atletas pouco ou nada conheciam prejudicando-lhes a saúde sem serem responsabilizados pelos danos causados, o problema configurado não é os atletas usarem drogas, mas sim usarem por conta própria.

Como exemplo, Dodô em 2007 foi mais um atleta do Botafogo que foi flagrado no exame antidoping, dessa vez por uso de *Femproporex* encontrado em pílulas de cafeína, sendo punido com dois anos de suspensão. Até hoje ele alega que usou os suplementos vitamínicos por recomendação e fornecimento do departamento médico do clube, mas nenhum médico foi responsabilizado muito menos punido. A decisão do TAS-CAS (Tribunal Arbitral do Esporte) rejeitou o argumento de falta de dolo e/ou responsabilidade objetiva em um caso de doping. Em situações como esta, assumir a responsabilidade pelo uso – o que Dodô não fez - significa retratação da imagem pública não apenas do jogador como da ética desportiva posta em xeque. Quem passou por isso foi o jogador de vôlei brasileiro, Giba, flagrado no antidoping por uso de maconha na Itália em 2003: "Estou arrependido, mas foi um erro único. Sei que sou um símbolo, um exemplo principalmente para as crianças e não poderia ter errado. Fui fraco, mas garanto que não acontecerá de novo". Giba que disse ter fumado uma única vez (!?!), após a suspensão por 8 jogos vestiu a camisa do esquadrão antidrogas: "a maconha não deve deixar de ser considerado doping, porque é uma substância que faz mal ao atleta, ao ser humano. Estou colocando minha imagem à disposição de quem queira fazer campanhas antidrogas" (FSP:13/03/03).

Palavras sinceras ou não, em última instância a responsabilidade sobre o corpo, seja ingerindo bebida alcoólica, um complexo vitamínico ou fumando maconha deveria ser dos próprios atletas. Mas seriam estes tão autônomos em relação aos interesses das entidades desportivas as quais pertencem? Em certos casos esses interesses podem até flexibilizar uma suspeita de doping, denominando-a de “resultado analítico adverso para substância”, o que implica em não apontar culpa ou negligência por parte dos envolvidos. É o caso dos nadadores brasileiros Cesar Cielo, Nicholas Santos, Henrique Barbosa e Vinícius Waked, flagrados em maio de 2011 no exame antidoping pelo uso do diurético *Furosemida*. Para evitar que fossem suspensos do Mundial de Xangai agendado para julho de 2011, tais nadadores receberam apenas uma advertência por usarem o diurético que anteriormente ocasionou punições para outros atletas como a

ginasta Daiane dos Santos suspensa por cinco meses e a nadadora Daynara de Paula suspensa por seis meses após ser flagrada no Sul-Americano em março de 2010. De acordo com os interesses institucionais foi oferecido aos atletas da natação o “benefício da dúvida” - em outras palavras, eles são inocentes até que se prove o contrário -, quanto ao dolo em caso de suspeita de doping em um momento que antecede uma competição mundial. Interesses à parte, este benefício da dúvida ainda gerou polêmica, pois em 06/07 a Fina (Federação Internacional de Natação) anunciou que iria apelar na CAS (Corte Arbitral do Esporte) contra a decisão da CBDA (Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos), demandando uma punição exemplar. Ao fim e ao cabo, Cielo foi campeão mundial em Xangai nos 50 metros borboleta e nos 50 metros livre.

O espectro dos interesses institucionais não se limita ao nível de excelência das performances dos atletas, nem as suas comemorações de fundo religioso, ele atinge também as comemorações laicas. Nos Jogos Olímpicos de Inverno realizados em fevereiro de 2010 no Canadá, a seleção feminina de hóquei canadense ficou numa “saia justa” por ter comemorado a conquista da medalha de ouro consumindo cerveja, champanhe e charutos na pista de competição. O Comitê Olímpico Internacional prometeu investigar a “comemoração abusiva” o que forçou a Federação Canadense a se desculpar caso algum espectador houvesse se sentido ofendido. Curiosamente, esse receio de ofender a opinião pública ocorreu quando as autoridades de Vancouver, sede da competição, afirmaram que seriam bastante tolerantes com o consumo de maconha por parte dos turistas durante os jogos. Essa configuração deixa claro que acima dos direitos dos atletas enquanto cidadãos estão os direitos das instituições que administram os esportes de acordo com seus critérios, mantendo os interesses em torno da imagem da ética desportiva acima das demandas dos demasiadamente humanos competidores.

E se os humanos que competem ainda são falíveis, sabe-se de seu desejo de serem deuses que conquistam seus lugares no Olimpo do esporte. Levando em conta esta questão, o panorama dos órgãos reguladores para a Copa do Mundo 2010 pareceu estar menos centrado nos cuidados com a saúde dos atletas<sup>17</sup> do que em diminuir as possibilidades de uma pandemia de performances quimicamente induzidas, como quase

---

<sup>17</sup> - Em abril de 2010 o atacante marfinense Didier Drogba que atuava no Chelsea da Inglaterra, adiou uma operação de hérnia de disco, que o afastaria da temporada européia e da Copa do Mundo. Atuando com fortes dores, será que este adiamento priorizou a saúde do jogador? E a presença de Rooney (Inglaterra), Pepe (Portugal), Iniesta e Torres (Espanha) na Copa não garantiu que estivessem com 100% de condições físicas, já que se recuperavam de lesões e fraturas graves, mas o show não podia parar...

não houve na última edição da Copa das Confederações realizada no mesmo país um ano antes. "Estamos planejando testes em todos os times, nos treinos, na estada nos seus países de origem e após a chegada à África do Sul", afirmou o médico chefe da Fifa, Jiri Dvorak. Cerca de 35 mil testes foram realizados em 2009, com resultado positivo em apenas 0,03% dos casos<sup>18</sup>. Será que estes testes também detectam o consumo de álcool? De um jeito ou de outro, a comissão técnica da seleção brasileira pôde se sentir tranquila quanto à redução de riscos e danos para com sua imagem, já que o patrulhamento evangélico manteve os jogadores longe das bebidas alcoólicas, todavia é bom ressaltar que o álcool não está na lista de substâncias proibidas. Inclusive, em países como a Itália, vários jogadores costumam beber uma taça de vinho durante as refeições sem nenhum dilema ético ou restrição dos departamentos de medicina desportiva.

Levando em conta que cada caso deve ser analisado considerando seu contexto, assim como o uso de tabaco<sup>19</sup>, o uso de bebida alcoólica, é desaconselhável para praticar atividades esportivas, mas não é proibido para desportistas. Contudo, quando se tenta explorar comercialmente a imagem dos prazeres proporcionados por uma carreira bem sucedida, polêmicas são configuradas, como a acontecida em 2009 em torno da campanha comercial da cerveja Brahma com Ronaldo o Fenômeno, na qual este apareceu associando suas várias recuperações de contusões na carreira ao fato de ser "brahmeiro". Imediatamente após a veiculação do comercial, a cervejaria Schincariol concorrente da Brahma, afirmou que Ronaldo é ídolo das crianças e atleta de um esporte olímpico. Por esses dois aspectos, ele não poderia associar sua imagem a bebidas alcoólicas. Como consequência, as pressões da sociedade civil cresceram e a propaganda foi modificada com a fala do Fenômeno "sou brahmeiro", sendo trocada por "sou guerreiro" e com o copo de cerveja sumindo de sua mão.

Essa polêmica gerada em torno da avidez por lucro fácil de alguns setores do mercado de consumo<sup>20</sup> parece ter levantado a bandeira social de impedimento ante o gol

---

<sup>18</sup> - Isso se não for levado em conta o chamado doping invisível, quando se usa hormônios como o DynEPO, praticamente impossível de ser detectado.

<sup>19</sup> - Um dado curioso está no uso de tabaco como rito de iniciação entre atletas. É o que conta Paulo Rink, jogador brasileiro naturalizado alemão que chegou a seleção germânica no ano 2000: "Tive que virar fumante para não ficar excluído na seleção. Teve uma época em que 18 dos 23 jogadores convocados para a Eurocopa fumavam. Se ficasse de fora (da roda de fumantes), eu já era lá dentro, estava ferrado", (UOL:24/05/10).

<sup>20</sup> - Tais setores não desistiram de seus objetivos, apenas buscaram outras estratégias de campanha. Em 2010, a mesma cervejaria Brahma com os slogans "a primeira marca brasileira na história a patrocinar a Copa do Mundo da Fifa", e "patrocinadora da seleção mais guerreira do mundo", convocou o técnico Dunga para ser garoto-propaganda, auxiliado pelos jogadores Luis Fabiano e Julio César em três

que a CBF então buscava marcar com a imagem do jogador abstinente como modelo triunfante. Vale apontar que depois do fracasso da seleção na Copa do Mundo de 2010, na Copa América de 2011, além de não contar com a presença do abstinente e extintocável Kaká<sup>21</sup>, o técnico que substituiu Dunga, Mano Menezes, proibiu a presença de líderes religiosos na concentração. Será que a abstinência compulsória começa a ser jogada para escanteio? Enquanto as estratégias do jogo vão sendo repensadas, não causa estranheza que jogadores que conduzem um estilo de vida pouco “religioso” ganhem destaque nas primeiras páginas de jornais e blogs como só acontecia com artistas em um passado nem tão distante.

Polêmica instaurada, a crítica midiática sobre o direito que estes jovens milionários conquistaram para curtir alguns momentos da vida com um copo na mão, muitas vezes obscurece o dado de que o patrocinador oficial do Brasil na Copa do Mundo 2010 foi uma cervejaria! A lógica trazida por sua campanha publicitária é que todos os torcedores em frente aos aparelhos de TV podem virar guerreiros bastando ter sua cerveja ao alcance da mão<sup>22</sup> enquanto os jogadores para se tornarem guerreiros teriam que se sustentar basicamente na fé! Não deve ter sido coincidência o fato do Flamengo ao ser campeão nacional em dezembro de 2009 atingindo 19% dos torcedores do ranking brasileiro, quatro meses depois ter sua popularidade reduzida para 17%. Nesse período, os jornais foram recheadas por manchetes com Adriano e Vagner Love - batizados de “O Império do Amor!” – envolvidos com bebidas, baladas, baile funk, favela, brigas com namorada e passeios com traficantes armados. Na cabeça de muita gente pode ter passado o filme: “É isso que esses meninos pobres fazem depois de enriquecer?” Essa imagem hedonista soa não apenas contrária à ética recente da seleção brasileira como ao modelo que a cultura futebolística nacional vem processando. A imagem do time mais popular do Brasil, ainda se tornou mais abalada após um dirigente flamenguista afirmar que Adriano e Love por serem estrelas possuíam privilégios. Desde então, os privilegiados passaram a ser bodes expiatórios.

---

comerciais. Foi tomado o cuidado de eliminar do texto dos três a palavra brahmeiro e o copo em nenhum momento aparece na sua mão de nenhum dos guerreiros. O lucro visado por esta campanha está traduzido nas palavras do superintendente do Sindicato Nacional da Indústria da Cerveja (Sindicerv), Enio Rodrigues: "Com a Copa, é como se tivéssemos um mês a mais de verão no ano", (IG: 27/05/2010).

<sup>21</sup> - Será que o evangélico “moicano” Neymar, pai solteiro e baladeiro cujo penteadado exótico vem sendo copiado por jogadores e fãs, é a nova referência identitária do futebol brasileiro?

<sup>22</sup> - O mesmo Enio Rodrigues esclarece que: "Em junho, o esperado é cerca de 6% a 7% do consumo anual, mas agora, com a Copa, esperamos que atinja a marca de dezembro a fevereiro. Com isso, há uma projeção de que o ano terminará com crescimento de 7% a 10% das vendas de cerveja, quando o ritmo de crescimento tem sido de cerca de 5% ao ano do mercado nacional", (*Idem*).

No jogo entre Botafogo e Flamengo que decidiu o campeonato carioca de 2010, aos 33 minutos do segundo tempo, quando o Botafogo vencia por 2X1, surgiu um pênalti a favor do Flamengo. Adriano foi para a bola e ... perdeu! Com o Botafogo sagrando-se campeão sem ter nenhum jogador associado à imagem de usuário de álcool e outras drogas, alguns torcedores do Flamengo com a fé em baixa disseram que Adriano deixou o trono de Imperador vago pois perdeu o pênalti por estar de ressaca. Para muitos integrantes da maior torcida brasileira o problema das estrelas privilegiadas que acabou sabotando a performance de todo o time foi o excesso de liberdade.

Numa matéria do Globo Esporte (*Alcoolismo atinge vários atletas do futebol, e clubes se preparam para ajudá-los*<sup>23</sup>:09/03/10), em uma aparente tentativa de definição do que seja uso ou abuso de álcool, Adriano foi entrevistado e afirmou que bebia para esquecer e não conseguia, mas esqueceu de dizer - ou a edição do programa não permitiu que dissesse - o que ele queria esquecer: a morte do pai<sup>24</sup>, seus compromissos que restringiam sua liberdade para usufruir sua fortuna ou qualquer outra questão. Sem elaborar reflexões mais complexas a matéria insistiu na representação pública de Adriano como um alcoolista, indicando ser este “apenas mais um caso do conflito entre futebol e bebida” no qual “a ascensão social fulminante costuma ser a grande vilã da história”. Então, o problema configurado foi que Adriano saiu da favela e continuou se comportando como um favelado num império luxuoso?<sup>25</sup> Sendo assim, o problema não é de fácil resolução, pois, em 2010, já no Brasil, às vezes em que voltou para a favela assumindo o quanto sentia falta das suas raízes socioculturais, Adriano foi perseguido por paparazzi e no dia seguinte crucificado nacional e internacionalmente por frequentar ambientes atípicos de um vencedor. Será que é esse conflito de identidade que ele quer esquecer? Será que o dado socialmente rejeitado é que alguém que saiu de uma favela carioca e chegou à Itália vindo a ser apelidado de *L'Imperatore* possa querer tomar umas doses com os amigos do tempo das “vacas magras”?

Menos de duas semanas após o jogo com o Botafogo o carro de Adriano foi parado por uma blitz da Lei Seca. O jogador soprou no bafômetro e foi liberado. Essa informação saiu nos jornais e blogs como se significasse que o camisa 10 do Flamengo

---

<sup>23</sup> - Doze clubes da primeira divisão do futebol brasileiro já executam projetos de prevenção ao alcoolismo, (Globo Esporte: 09/03/10).

<sup>24</sup> - alguns próximos dizem que os problemas de Adriano com o abuso de álcool começaram com a morte do pai em 2004.

<sup>25</sup> - Esse raciocínio não serviria para explicar o problema ocorrido com o “Doutor Sócrates”, ex-jogador de futebol com formação em medicina, portador de notória capacidade intelectual, politicamente engajado, e que em meados de 2011 foi vitimado por uma crise de cirrose hepática, diretamente relacionada ao consumo de bebida etílica, que quase lhe custa a vida. Sócrates não é fruto das favelas.

poderia estar mudando do vinho para a água. De qualquer modo, acabou não sendo uma surpresa quando Adriano foi desconvocado para a seleção brasileira depois de faltar treze treinamentos na temporada. Será que estas ausências foram consequências do consumo étílico ou seriam frutos dos danos psicológicos relacionados às pressões sobre um jovem que alçado a condição de celebridade é monitorado inescrupulosamente por uma pátria que não consegue dormir sem suas chuteiras?<sup>26</sup> Por ironia do destino e até desmentindo a lógica de Dunga quanto à preferência por vinho, um mês antes da Copa do Mundo 2010 a CBF lançou uma linha de espumantes e vinhos finos intitulados *Seleção Brasileira*<sup>27</sup>. Não seria surpresa caso oferecessem uma taça de alguma dessas bebidas para Adriano, que ele nervosamente respondesse: “pai, afasta de mim esse cálice!”.



### Referências:

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIEIRA, Roberto. *O dia em que a ditadura matou Garrincha*. <http://blogdojuca.uol.com.br/20/06/11>.

<sup>26</sup> - O calvário de Adriano continuou longe das favelas, mas nunca longe da mídia. Depois de sair do Flamengo em junho de 2010 ele voltou à Itália para jogar pelo Roma e sofrendo com sucessivas contusões não marcou nenhum gol em apenas oito jogos oficiais. Em março de 2011 após problemas disciplinares com o Roma ele foi contratado pelo Corinthians, mas padecendo de novas contusões, só estreou sete meses depois.

<sup>27</sup> - E essa postura liberal não se restringe a CBF. A Copa do Mundo de 2014 que acontece no Brasil, tendo um cervejaria como patrocinadora, vai abrir um precedente em relação ao Estatuto do Torcedor, que não permite consumo de bebidas alcoólicas nos estádios. De acordo com o então Ministro do Esporte, Orlando Silva, há “compromissos da FIFA com os patrocinadores” (Guilherme Fiuza, *Época*, 06/10/11) que viabilizam que os torcedores possam estar nos estádios com suas cervejinhas ao alcance das mãos.